

trabalho *necessário*

issn: 1808-799X

ano 2 - número 2 - 2004

O MUNDO DO TRABALHO NA CÂMARA ESCURA – FOTOGRAFIA E HISTÓRIA*

Virgínia Fontes**

A produção de imagens de si mesma, da natureza que a cerca, de sonhos e de pesadelos constitui um dos traços mais fortes e mais primitivos da humanidade. Traços, desenhos, pinturas, esculturas, gravuras, decorações, tecidos... Diferentes formas de ver-se ou de ocultar-se fazem parte de repertórios imagéticos com suportes, formas, cores e padrões dos mais variados.

Há pouco mais de um século, uma das maneiras de produzir imagens generalizou-se a passou a fazer parte do cotidiano de milhões de pessoas: a fotografia. Hoje em dia ela é de uso corriqueiro, mas em seus primórdios, com equipamentos caros e pesados, foi uma atividade realizada principalmente pelos poderes públicos, por empresas ou por pessoas com recursos. Essa forma de registro visual da vida social iniciava-se marcada pelo principal olhar a enquadrar o mundo através do visor – o lugar da direção e do controle da vida social, através do viés patronal ou do viés estatal. Rapidamente, o procedimento técnico generalizou-se e a fotografia penetrava em diferentes meios sociais, apresentando-se como uma das formas privilegiadas de registro e de materialização de uma certa memória.

O livro de Maria Ciavatta incide sobre os mundos do trabalho no Rio de Janeiro, no início do século XX. Realiza cuidadoso recorte e seleção de fotos, auxiliado por comentários, sugerindo um interessante percurso inicial pelas fotografias, abrindo-se assim a obra à sua primeira leitura.

No percurso, evidencia-se o olhar “de cima” sobre o mundo do trabalho, cristalizado no tempo. Vale lembrar que a grande maioria das fotografias disponíveis nos arquivos voltadas para o mundo do trabalho tem origem na atividade de Augusto Malta, fotógrafo oficial da Prefeitura do Rio de Janeiro, então Capital Federal, entre 1903 e 1936. O percurso fotográfico que Ciavatta nos leva a percorrer apresenta locais de trabalho, em alguns dos quais os trabalhadores figuram incidentalmente, quase como elementos de composição para reafirmar a magnitude do capital, como por exemplo nas fotografias do

Arquivo Municipal, da Companhia Telefônica e, a mais impressionante delas, a dos teares da Cia. América Fabril, na qual não figuram trabalhadores, apenas máquinas a perder de vista. Em muitas fotos, como a que inicia o livro, de trabalhadores numa pedreira, o olhar fotográfico procura mostrar mais a magnitude das obra em realização do que a atividade de homens reais.

Há também as já clássicas fotos de conjunto dos trabalhadores, enfileirados ou dispostos sobre estrados, nos quais se deixam fotografar como mais uma das exigências de sua subordinação às exigências patronais. Mostrando a transformação da vida social trazida pela introdução e primórdios da generalização da subordinação do trabalho ao capital, nos deparamos com o universo do trabalho feminino, quase exclusivo nas companhias telefônicas, assim como com a presença de mulheres e meninas em diversos empreendimentos fabris. Fora do olhar fotográfico, a transformação da vida social e familiar que a inserção das mulheres no mundo do trabalho assalariado estava realizando...

Essas fotos de trabalhadores contrastam singularmente com aquelas nas quais figuram as diretorias dos empreendimentos, onde os trajes escolhidos –espantosamente padronizados – e o cenário cuidadosamente selecionado e previamente arrumado reafirmam o controle e o poderio das funções hierárquicas. Mas a seleção de fotografias apresenta o mundo do trabalho em suas múltiplas facetas, não se reduzindo à atividade imediata. Traz também os locais de reunião cotidiana dos trabalhadores – os quiosques da cidade, os bares e a desqualificação que sobre eles incide. Traz o registro da moradia precária, dos primeiros conjuntos habitacionais, e as vielas das primeiras favelas. As escolas de aprendizes e sua iniciação à disciplina fabril lá estão, com os jovens dispostos frente às “suas” máquinas. O trabalho infantil – uma criança negra manipulando máquina – aparece documentado em foto da Fundação S. Pedro, na qual figura quase como um detalhe que, no entanto, ocupa a parte frontal da retratada.

A mostra selecionada permite-nos verificar também a reificação dos instrumentos de trabalho que então se inaugura, de forma impactante. Eles perdem a relação singular e individualizada com o trabalhador, que deles extraía pela sua habilidade a forma precisa na criação dos objetos. O trabalhador se torna agora mero apêndice de um instrumento coletivo e despersonalizado. O cuidado das companhias em consolidar por registros fotográficos exposições dos instrumentos, das máquinas e dos enormes empreendimentos, com seus prédios e telhados a perder de vista, impõe um novo fascínio pelo gigantismo inumano e frio, construindo uma estética e um padrão de gosto no qual a dimensão humana é apenas um ponto de referência para o seu contrário, aquilo que a desfigura e a diminui. Os seres humanos, que fornecem o sentido àquela existência e que tudo construíram, tornam-se apenas os elementos de referência e de contraste para as imensas perspectivas, esmagados agora por aquilo que eles próprios – em sua relação de criação e de trabalho – construíram.

Podemos explorar ainda outras perspectivas desse universo, como a das associações dos trabalhadores, quer sejam instrumentadas pelas empresas ou derivadas de iniciativas diretas dos próprios trabalhadores. No Rio de Janeiro de inícios do século XX, associações recreativas organizadas pelas empresas e congêneres mais autônomas (bandas e grupos musicais), assim como jornais militantes recolocam a premência da sociabilidade dos trabalhadores, umas para incorporá-los de forma mais dócil ao processo fabril, outros para contestar a própria subordinação, inventando uma nova cultura coletiva, voltada para um número crescente de participantes. Nos dois casos, vê-se a resistência social a um processo de despersonalização.

Esse percurso fotográfico, entretanto, é a primeira visualização do livro. Ora, se a fotografia ocupa um espaço singular na vida social contemporânea, sua generalização se acompanha de um processo de supervalorização da imagem, a qual aparece-nos como a evidenciação da verdade imediata, transcrição e tradução diretas de uma *verdade das coisas* realizada por meio de um discreto clique e uma neutra piscadela de um olho mágico, feito de luz e sombra interrompidas, num átimo de tempo. Esse é o tema que ocupa centralmente o texto, ao discutir a análise dessa forma de registro fotográfico enquanto fonte histórica. Dividido em três partes, o livro se ocupa do debate teórico-metodológico em duas delas, ao tratar do olhar e do objeto fotográfico e ao analisar a fotografia como fonte histórica. Na terceira parte, dedica-se às questões específicas do mundo do trabalho no Rio de Janeiro nos 30 primeiros anos do século XX.

Após apresentar diversos trabalhos de referência teórica e metodológica para o estudo da fotografia na atualidade – incorporando autores internacionais e nacionais – Maria Ciavatta reitera a importância de pensar a fotografia como mediação, como a relação dialética entre a representação imediata e o conceito, necessariamente mediato, procurando seguir a reflexão de Karel Kosik, referenciada aqui ao mundo das imagens fotográficas. Contesta pois a suposição do senso comum, de uma imediata “verdade das coisas”, onde a fotografia se apresenta como se fosse a imediaticidade do real, mostrando como simultaneamente ela nega e oculta sua historicidade e seus nexos sociais profundos. Recusa também a fragmentação do olhar que superpõe visões, como se a fotografia, ao capturar instantâneos, marcasse a vida social definida pelo clic instantâneo, isto é, feita de pontos entre os quais não há conexão. Sua opção teórica implica também em abandonar a suposição, em moda na atualidade, de que deixaria de existir uma verdade dos fenômenos sociais, ocultos pela hipervalorização da representação em detrimento da própria relação social. É pela relação crítica e mediatizada entre o que se dá a ver como o real e suas relações constitutivas, conceituais, que a fotografia pode adquirir um papel pleno como fonte histórica. A fotografia mostra-nos uma verdade que não pode ser reduzida a um instantâneo nem ser subsumida a olhares fragmentados, interpretações/versões que não corresponderiam a relações reais.

O livro apresenta de forma cuidadosa e detalhada diversos autores que vêm trabalhando

sobre o tema, a partir de posições teóricas bastante variadas, procurando neles elementos para compor e reiterar a importância da análise a partir do conceito de mediação. A opção da autora merece menção. Muitos trabalhos contemporâneos tendem a valorizar-se por contraste, mesmo quando isso implica, muitas vezes, numa certa caricaturização das posições dos autores a partir dos quais tais contrastes se constituem. Maria Ciavatta, ao contrário, navega cuidadosamente em águas nem sempre muito cristalinas, lendo e expondo atentamente as questões que norteiam as diferentes escolas que buscam constituir-se na análise da fotografia. Esse tipo de trajetória, que nos parece consistente, nos deixa entretanto com gosto de “quero mais”, uma vez que a afirmação clara da opção teórica de Ciavatta mereceria um retorno sobre as posições teóricas precedentemente expostas, para o exercício de um efetivo diálogo crítico. O livro deixa, entretanto, o desafio já balizado aos historiadores e àqueles que trabalham com imagens fotográficas – pensar as condições da reflexão histórica a partir da utilização da fotografia, levando em consideração as diferentes consistências dos níveis de apreensão da realidade e sua necessária inter-relação, como mediações de momentos histórico-sociais concretos, pensados sempre em sua complexa articulação.

Na última parte, comenta as séries fotográficas à luz das questões sociais que marcaram sua elaboração – o terreno da produção da memória da cidade e o papel desempenhado por Augusto Malta; as principais vertentes políticas de apreensão da vida social no Rio de Janeiro à época; as reformas urbanas, seu papel social e sua documentação e a vida fabril e o cotidiano operário. Trata-se, aqui, de abordar os nexos sociais – as mediações – que fornecem sentido e consistência aos instantâneos flagrados pelos fotógrafos de época, assim como seus limites. Na conclusão, à página 132, a autora adverte: “aos trabalhadores de hoje, ela [a reconstrução histórica através de fontes fotográficas] revela uma história contida nos limites da dominação da época. Oculta as lutas, as greves, a repressão policial, os enfrentamentos, o protagonismo daqueles que organizaram os trabalhadores e suas ideologias...”. Mostra-nos o produto final da câmara escura, a fotografia, lembrando que seu sentido depende do mundo social no qual se produzem a câmara, a foto e a vida social que pretende fixar em imagem.

(*) Ciavatta, Maria. *O mundo do trabalho em imagens. A fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

(**) Historiadora, integrante do Programa de Pós-Graduação em História da UFF.

